

INTERAÇÃO ENTRE A FONOLOGIA SEGMENTAL E A SUPRASEGMENTAL: O ACENTO LEXICAL NA GRAMÁTICA FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS

Bismarck Zanco de MOURA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Neste artigo, discutem-se questões relativas ao acento de palavra em português. Inicialmente, faz-se uma revisão da literatura lingüística mostrando como o acento é sensível à estrutura fonológica. Analisam-se, em seguida, alguns fenômenos fonológicos, como sândi vocálico, nasalização, apagamento, harmonização vocálica, debordamento, neutralização, desnazalização e monotongação. Mostra-se como o acento interfere no sentido de favorecer/inibir esses processos na gramática fonológica do português.

PALAVRAS-CHAVE: *Acento, Interação, Processos fonológicos*

INTRODUÇÃO

O acento, em português, é uma proeminência atualizada pela co-ocorrência de diversos fatores prosódicos (CUNHA & SILVA, 2015). Em nível lexical, tem-se o acento de palavra cujos correlatos são intensidade, duração, altura ou, mesmo, a conjugação dessas três propriedades acústicas. Por outro lado, em nível sintático, um desses correlatos do acento de frase é a entonação, que promove, por exemplo, a distinção entre frases afirmativas (*Marcelo comprou o pão.*) e interrogativas (*Marcelo comprou o pão?*).

Diferentes sequências podem ser portadoras do acento. Dentre essas, podem-se mencionar: palavras, sintagmas e frases. Aqui, focalizar-se-á o acento lexical do tipo primário, uma vez que palavras como *borboleta*, derivados como *Jacarepaguá* ou compostos como *guarda-roupa* exibem um acento lexical do tipo secundário. De modo geral, ambos os acentos lexicais se superpõem aos segmentos, motivo pelo qual são considerados unidades suprasegmentais da língua, que recaem em determinada sequência fonética de um item lexical.

Pretende-se, neste artigo, (i) descrever o sistema de acento lexical português, mostrando os padrões prototípicos da língua, (ii) a relação dessa unidade com um dispositivo da teoria fonológica, a extrametricidade, necessário na explicação de casos de acentuação aparentemente irregulares, e, principalmente, como centro deste artigo, (iii) demonstrar como essa proeminência interage com o nível segmental, por meio da análise de alguns fenômenos fonológicos.

Na descrição tradicional da língua portuguesa, o acento é tratado, basicamente, como um objeto de prescrição que está restrito ao emprego como mera marca gráfica, como se inexistisse nos vocábulos em que, visualmente, não aparece representado. Entretanto, os estudos lingüísticos mostram que sua funcionalidade, no sistema sonoro dessa língua, é muito mais ampla.

A sílaba, domínio prosódico que abriga essa proeminência, pode conter um, como em (1), ou mais de um segmento sonoro, como em (2). Há ainda, uma série de itens lexicais não portadores de acentos, comportando-se, assim, como formas dependentes (CÂMARA JR, 1969) acentualmente de palavras hospedeiras, como as exemplificadas na série em (3).

Interação entre a fonologia segmental e a suprasegmental: o acento lexical na gramática fonológica do português

- (1) é - há
- (2) pé - casa – abóbora e comerão
- (3) de - com - o - um - me e te

Assim, na língua portuguesa, distinguem-se sílabas acentuadas, portadoras do acento lexical, de sílabas não acentuadas, que não o portam, considerando-se as primeiras mais proeminentes que as últimas. O item *casa*, por exemplo, é formado pela sílaba tônica [ka] e pela sílaba [zɐ], de atonicidade máxima, porque é postônica, já *abóbora* é formado pela sílaba pretônica [a], pela tônica [bɔ], e pelas postônicas não-final [bʊ] e final [rɐ]. Considera-se a pretônica como uma sílaba com atonicidade mínima, o que é, de certa forma, apresentado em Câmara Jr. (1969). Ao distribuir as sílabas de um vocábulo pela pauta acentual, o autor atribui a essa sílaba valor 1, enquanto para as postônicas, valor 0, pois essas seriam prosodicamente as mais fracas.

O SISTEMA ACENTUAL E SUA SENSIBILIDADE FONOLÓGICA

Segundo Collishonn (2005), o acento português revela, por meio de uma série de itens lexicais de mesma configuração segmental, caráter fonológico (contrastivo), como se pode observar nos pares:

- (4) fugiram x fugirão
- (5) para x Pará
- (6) duvida x dúvida
- (7) analise x análise
- (8) secretaria x secretária

Em (4), as diferenças na posição do acento distinguem elementos que fazem parte da mesma categoria gramatical, ambos são verbos, entretanto, *fugiram* recebe acento na penúltima sílaba, enquanto *fugirão* o recebe na última sílaba. Esse par de uma paroxítona e uma oxítone mostra que o acento opera na distinção dos tempos verbais portugueses. Enquanto a paroxítona evidencia o tempo pretérito perfeito, a oxítone, futuro do presente. Em (5), há, novamente, um par formado por uma paroxítona *para* e uma oxítone, *Pará*. Nesse caso, entretanto, a diferença acentual diferencia a categoria gramatical. Aquele é um verbo, este, por outro lado, um substantivo.

Em (6) e (7), as formas paroxítonas *duvida* e *analise* correspondem aos verbos, já as proparoxítonas *dúvida* e *análise* pertencem à categoria dos substantivos. Já, em (8), ambos os elementos são substantivos e também se diferenciam devido à posição do acento, *secretaria*, paroxítona, denota um espaço, um nome locativo, enquanto *secretária*, proparoxítona, designa um nome agentivo.

Esses pares de palavras diferem em sentido por apenas um aspecto formal, configurando o que a análise fonológica denominou de par mínimo, recurso da abordagem estruturalista que prova que duas unidades comportam-se, na fonologia de uma língua, como fonemas diferentes. Os pares de (4) – (8) constituem, mais especificamente, pares mínimos acentuais, podendo-se, portanto, evidenciar o valor contrastivo do acento lexical

português, uma vez que ele cria oposição, formando unidades linguísticas diferentes. Nos exemplos, estabelecem-se diferenças de significado e isso se deve às diferentes posições do acento na estrutura sintagmática, combinação linear dos segmentos. Por sua natureza distintiva, alguns linguistas, dentre esses, Câmara Jr. (1969), defendem que ele se comporta como unidade fonológica, atribuindo-lhe, no âmbito do sistema fonológico português, o estatuto de fonema suprasegmental.

A atribuição do acento lexical não é aleatória, na fonologia da língua portuguesa. Sua incidência, contrariamente, está relacionada a uma série de regularidades, o que possibilita reconhecer que a distribuição do acento pela palavra é previsível. A proeminência acentual está submetida a pressões de natureza segmental, uma vez que, como se verá adiante, o número de segmentos na sílaba é relevante na atração do acento para esse domínio.

A sistematicidade em torno da aplicação do acento nas palavras portuguesas relaciona-se à sua distribuição. Sintagmaticamente, o acento só pode recair sobre as três últimas sílabas. Assim, em Português, existem apenas vocábulos oxítonos, paroxítonos ou proparoxítonos.

(9) Café e pesar

(10) Açúcar e laranja.

(11) Prótese – fôlego e mamífero.

Em (9), o acento recai na última sílaba, portanto, *café* e *pesar* são vocábulos oxítonos, o que não demonstra não haver, ao menos nesses casos, sensibilidade do acento quanto à categoria lexical, porque elas são diferentes, nome e verbo. Em (10), o acento incide na penúltima sílaba. Assim, os vocábulos *açúcar* e *laranja* são paroxítonos. Já os itens *prótese*, *fôlego* e *mamífero*, em (11), são proparoxítonos, porque o acento incidiu sobre a antepenúltima sílaba.

Apesar de o acento ser distribuído apenas pelas três últimas sílabas dos itens lexicais portugueses, Câmara Júnior (1970, p. 58), ao descrever as estruturas silábicas da língua, observa a existência do acento na quarta última sílaba, mediante vocábulos, como *Técnica* e *áptero*, nos quais se encontram encontros consonantais imperfeitos.

Em *técnica* e *áptero*, ocorre a inserção da vogal epentética /i/ para desfazer as sílabas mal-formadas *[tek] e *[ap]. Com a epêntese, os segmentos [k] e [p] deixam de ocupar a coda silábica, sendo ressilabificados em ataque da nova sílaba (té.[ki].ni.ca e á.[pi].te.ro) cujo núcleo passa a ser a vogal epentética, por excelência, [i], em português.

Segundo o autor, ao passar por esse processo de inserção vocálica, que repara as sílabas que desrespeitam os padrões fonotáticos portugueses, donde resultam as formas téc[i]nica e áp[i]tero, há o deslocamento do acento para uma posição pré-proparoxítona, tipo de acento verificado em línguas como o espanhol, denominadas de bísdruxolas.

Outro exemplo apontado pelo autor em defesa da ocorrência de alteração na pauta acentual portuguesa, visto que haveria uma quarta alternativa de acentuação, é o de “*Falávamos-té*”. A ênclise com o pronome *te*, forma dependente, faz o vocábulo proparoxítono *falávamos* passar a ter acento na quarta última sílaba, ao se analisar todo o vocábulo fonológico.

A posição do acento na penúltima sílaba é a preferida, principalmente, quando a palavra termina em vogal, formando-se palavras paroxítonas.

Interação entre a fonologia segmental e a suprasegmental: o acento lexical na gramática fonológica do português

(12) mangueira - falava - moderno - hoje

Observe que todos os vocábulos de (12) estão distribuídos por diferentes categorias morfológicas. *Cadeira* é um substantivo, *falava* um verbo, *moderno* um adjetivo e *hoje* um advérbio. Como se vê, dada a produtividade, existem vocábulos paroxítonos de diferentes categorias gramaticais. Embora a maior parte dos vocábulos que integram o léxico terminem em vogal, o que faz do paroxítono o padrão acentual de maior produtividade na língua, existem paroxítonos terminados em consoante, como o são os dados em (13):

(13) açúcar, cadáver e móvel.

Os dados em (13) correspondem a um padrão marcado de paroxítonos, uma vez que são terminados em consoantes, estrutura não prototípica desse tipo de acento. O fato de essa não ser uma tendência da língua, pois, como se verá adiante, sílabas pesadas, como o são as finais < car >, < ver > e < vel > dos vocábulos listados em (13), tendem a atrair o acento, motiva, no âmbito da ortografia, o emprego dos símbolos gráficos indicativos de acento.

Por outro lado, a posição do acento na antepenúltima sílaba é a de menor produtividade no Português. Apenas um reduzido grupo de palavras portuguesas são proparoxítonas, o que pode ser motivado pela entrada tardia de muitas delas na língua, via empréstimos eruditos, embora o padrão já existisse em latim. Isso faz do proparoxítono o menor dos padrões acentuais portugueses:

A sílaba postônica não final é própria das palavras proparoxítonas, o padrão acentual menos produtivo da Língua portuguesa. Itens lexicais proparoxítonos geralmente remetem-se a termos técnicos e pouco usuais, sendo raros os vocábulos que pertençam ao vocabulário ativo dos falantes (KELLY GOMES, 2018, p. 214)

Collischonn (2005) considera que o acento proparoxítono é marcado, menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba. Por essa razão, tende-se a regularizar essas palavras, em certas condições fônicas, mediante a síncope de um dos elementos da penúltima sílaba, como mostram (14) e (15) ou, ainda, de toda a unidade (silábica), conforme os vocábulos em (16), todos extraídos de Ferreira Neto (2001).

(14) fósforo [ˈfɔ̃f.fɾɔ]
abóbora [ˈa.bɔ.brɐ]
óculos [ˈɔ.klɔs]

(15) córrego [ˈkɔ̃ɾi.gɔ]
cócegas [ˈkɔ̃f.kɐ]
música [ˈmuʒ.gɐ]

- (16) número [ˈnu.rʊ]
cômodo [ˈkõ.dʊ]

Os dados em (14), (15) e (16) evidenciam casos de síncope que ocorrem para regularizar um padrão de acento marcado, no caso, o proparoxítono, tornando-o em um padrão não marcado, o paroxítono, acento prototípico do português. A síncope em proparoxítonos em vocábulos latinos como “*calidum*”, “*solidum*” e “*viridem*” evidencia ser a posição do acento alterada desde o latim. Essa antiga tendência em favor de paroxítonos mantém-se no português contemporâneo, o que confirma o princípio do uniformitarismo, segundo o qual forças do passado atuam no presente (LABOV, 1995). Além desses, podem-se mencionar uma série de fenômenos contemporâneos que já se manifestavam em latim, como apócope, monotongação, palatalização, ditongação, que, além de reforçarem a atuação desse princípio, revelam uma possível deriva românica (NARO & SHERRE, 2007).

Em (14), a supressão dos segmentos postônicos provoca a ressilabificação das consoantes que ficaram desassociadas de um nó silábico, ao terem seu núcleo perdido. Essa síncope deve-se ao fato de sílabas postônicas serem extremamente débeis. As consoantes passam a exercer o papel funcional, nas novas sílabas formadas, fós[frʊ], abó[brɐ] e ó[klʊs], como elemento inicial de um onset complexo, o qual pode se formar devido a condições de licenciamento da língua. O português autoriza essas sequências consonantais de, respectivamente, fricativa labiodental surda e tepe, oclusiva bilabial sonora e tepe e oclusiva velar surda e líquida em posição de onset silábico.

Embora os dados de (15) assemelhem-se aos de (14), porque apagam apenas um elemento da sílaba postônica, o núcleo vocálico, diferenciam-se desse, porque não são formados encontros consonantais, já que a língua não os autoriza. A língua portuguesa autoriza apenas onsets complexos formados por certas combinações de oclusivas e fricativas labiais seguidas de líquidas, segmentos com os traços [+soante –nasal].

Os dados em (15) mostram que a consoante que funcionava como onset é ressilabificada na posição de coda da sílaba tônica (*córrego* [ˈkõf.ɡʊ], *cócegas* [ˈkõf.kɐ] e *música* [ˈmuʒ.gɐ]). Já os dados em (16) mostram o apagamento de toda a estrutura da sílaba postônica, embora se tenha mantido como vestígio da consoante nasal, /m/, o traço de nasalidade na sílaba tônica, que ficou fluante (CLEMENTS & HUME, 1995).

Araújo *et al* (2007) afirma que esse processo de síncope pode sugerir que as proparoxítonas são comumente rejeitadas no português. A maior produtividade do acento paroxítono, a posição postônica débil e as condições de ressilabificar as consoantes, que foram destituídas do elemento nuclear, ou em onset, ou coda ou mesmo canceladas, processo fonológico da haplologia, possibilitam a ocorrência desse fenômeno, além de evidenciarem o caráter não nativo dos vocábulos proparoxítonos e a variação a que esse acento sujeita certos vocábulos portadores desse tipo de acento, uma vez que passam a alternar, na língua, aqueles preservados com os que sofreram a síncope.

Collishonn (2005) afirma que a posição do acento na última sílaba é preferida quando a palavra termina em consoante, como em (17):

- (17) falar - mulher - cordel - vigor – civil.

As palavras têm em (17) sílabas finais pesadas, as quais tendem a atrair o acento, constituindo, portanto, vocábulos oxítonos de padrão não marcado. Prefere-se falar, nesses

Interação entre a fonologia segmental e a suprasegmental: o acento lexical na gramática fonológica do português

casos, em “tendência”, porque palavras como *órgão* constituiriam uma exceção, uma vez que a sílaba final pesada não atrai o acento.

Além dessas, existem palavras oxítonas que terminam em vogal, padrão oxítono marcado, uma vez que fere a tendência geral da língua, segundo a qual oxítonos seriam vocábulos que terminariam, preferencialmente, em consoantes. Em geral, esse grupo é formado por um pequeno número de palavras portuguesas (18), de um número significativo de empréstimos de línguas indígenas (19), de línguas africanas (20) e do francês (21), conforme aponta Collishonn (2005).

(18) bocó – fuzuê - avô

(19) jacaré – araquá - urubu

(20) xangô - banzé

(21) café - sofá –crochê

Sílabas pesadas, isto é, terminadas em consoante e semivogal, atraem o acento, como já se pode observar em (17) e se poderá analisar em

(22) andar e colher

(23) padraço – Rosalvo.

Assim, *andar* e *colher* têm a última pesada, logo, são oxítonos. Na fala, essas duas palavras, apesar de atraírem o acento, acabam por ser mais frequentemente realizadas sem a consoante final, /R/, que não se perderia totalmente, mantendo seu apagamento como um vestígio na pronúncia das vogais finais, que teriam duração mais longa, o que a teoria fonológica concebe como alongamento compensatório (BISOL, 2005). Por outro lado, *cadastro* e *covarde* têm a penúltima pesada, razão por que são paroxítonas. Se a penúltima sílaba é leve (*fósforo* e *cárcere*, por exemplo), então, o acento recai na antepenúltima sílaba, outra característica herdada do latim. O sistema acentual contemporâneo, então, mostra traços de conservação em relação ao sistema latino.

O RECURSO À EXTRAMETRICIDADE EM PORTUGUÊS

Diante do poder de sílabas pesadas atraírem o acento, em sistemas sensíveis ao peso silábico, como o português, cabe perguntar como explicar casos de vocábulos que contêm esse tipo silábico, mas que não são capazes de atrair o acento, como o são os vocábulos como *útil*, *lápis* e *açúcar*?

(24) *úti* < l >

(25) *lápi* < s >

(26) *açúca* < r >

Um dos recursos teóricos que tem sido utilizado na teoria fonológica é a extrametricidade. Ela permite que um elemento fonológico (segmento ou sílaba, por exemplo) não seja visto pela regra de aplicação do acento. Assim, as unidades fonológicas em posição de coda, o fonema / l / em (23); e os arquifonemas / S / em (24); e /R/, em

(25), que tornariam as sílabas finais das palavras *útil*, *lápiz* e *açúcar* pesadas ficam invisíveis, o que inviabiliza a aplicação de um acento oxítono, tornando-as paroxítonas.

Outra possibilidade de utilização do recurso à extrametricidade dá-se com a tentativa de explicar a incidência de acento sobre sílabas “aparentemente” leves, como o são *chá* e *café*. Nesses casos, a fonologia explica a presença do acento através da existência de uma consoante abstrata na forma subjacente, que estaria marcada por extrametricidade e que não recebe interpretação fonética. A evidência para a existência dessa consoante no plano fonológico, /ka.´fɛC / e /ʃaC/, dá-se com a formação de derivados, *cafezal* e *chaleira*, nos quais essa consoante morfológicamente motivada¹ parece ser interpretada foneticamente.

A incidência da extrametricidade, na língua portuguesa, pode explicar, ainda, a existência de vocábulos proparoxítonos. Em *rápi*<do>, *fósfo*<ro>, *árv*<re>, as sílabas marcadas por extrametricidade ficam invisíveis e se formam pés métricos binários com proeminência à esquerda, a partir da borda direita da palavra.

(27) **Formação de pés binários a partir do uso da extrametricidade**

2ª etapa	(* .)	(* .)	(* .)
1ª etapa	rápi < do >	fósfo < ro >	árv < re >

ANÁLISE DE FENÔMENOS FONOLÓGICOS DECORRENTES DE INTERAÇÃO COM O ACENTO

A segunda seção deste artigo já exibiu a relação do nível segmental ao suprasegmental, uma vez que se mostrou os efeitos do peso silábico na atribuição do acento de palavra. Discutem-se a seguir outros casos de interferência do acento de diferentes modos. Nos cinco primeiros processos, ele atua ora como condicionador ora como inibidor de processos fonológicos variáveis:

(28) *Camiz*[ø] [a]zul

No *continuum* da fala, a sequência *Camiza azul* sofre um processo de sândi vocálico externo, uma junção das fronteiras final da primeira palavra com a inicial da palavra subsequente. Nesse caso, a última vogal é postônica (relativamente mais fraca) e a vogal seguinte é pretônica (relativamente mais forte). Ambas as vogais são, então, átonas, isto é, estão desprotegidas por acento, o que favorece a sua fusão. Por outro lado, em “vovó olga”, o processo de degeminação não ocorre (*vov[ɔ][ɔ]lga), devido à presença do acento, caso em que atua, então, como um inibidor do processo de sândi.

Casos de sândi interno vocálico também se manifestam na formação das palavras e mais uma vez o acento apresenta comportamento relevante nessa operação morfofonológica. Ao se formar a palavra *cremoso*, por meio da anexação do sufixo

¹ Kehdi (1990) trata essas consoantes como morfemas relacionais, porque funcionam como elo/ponte do tema ao sufixo. O autor afirma, ainda, que poderiam ser analisadas como sufixos alomorfes, nos casos, seriam de –al e –eira, respectivamente. Estariam esses em distribuição complementar, já que –zal e –leira ocorreriam em contextos exclusivos.

Interação entre a fonologia segmental e a suprasegmental: o acento lexical na gramática fonológica do português

adjetival – oso, a vogal temática –e de creme é extraída por elisão, justamente, porque está desprotegida pelo acento, isto é, por ser átona.

A realização nasalizada de vogais, embora seja produtiva no Português do Brasil, é uma regra variável. Seu principal condicionador, segundo Abaurre & Pagotto (1997) é o acento. Segundo os autores, aumenta-se a probabilidade de nasalização de uma vogal quando ela é tônica. Assim, a vogal / a /, que é a tônica em *lanbo* tem maior probabilidade de ser pronunciada como nasalizada do que uma vogal átona.

O processo fonológico de apagamento é decorrência de a sílaba da qual os segmentos fazem parte não estar acentuada, o que a torna mais propensa ao cancelamento. Houve aférese nos dados em (29) e (30), síncope em (31) e (32). Já em (33), houve haplologia, supressão de toda uma sílaba em decorrência de sua atonicidade.

- (29) imagina [ma. 'ʒi.nɐ]
- (30) obrigado [bri.gadʊ]
- (31) fósforo ['fɔʃ.fɾʊ]
- (32) abóbora [a. 'bɔ.brɐ]
- (33) conde de bonfim ['kõdʒIbõ'fi]

A existência de uma vogal tônica em sílaba contígua é, como aponta, Câmara Jr. (1969) um motivador para a harmonização vocálica, embora Bisol (1981) tenha demonstrado que o processo também ocorre por influência de átonas. A assimilação é um processo fonológico em que uma propriedade articulatória de um segmento é compartilhada por outro adjacente. Entende-se que, no processo de harmonização, duas vogais passam a compartilhar o mesmo traço de altura, que se assimila por espriamento.

- (35) comprido [ku. 'pri.dʊ]
- (36) melhor [mɛ. 'ʎɔh]

Assim, as tônicas / i / em *comprido* e / ɔ / em *melhor* desencadeiam a harmonização vocálica. Naquele, / i / provoca o alteamento da pretônica [o], que se realiza como [u] e, nesse, / ɔ / provoca o abaixamento (abertura) da média pretônica anterior, que se concretiza como média baixa, [ɛ], portanto, harmonizando-se por abaixamento. Não se pode ignorar o fato de a mudança por influência de altura não ser assim tão drástica, uma vez que a vogal que foi alteada permanece na mesma série, anterior ou posterior, conforme o caso.

Outro processo decorrente de questões acentuais é o debordamento vocálico, o qual se deve à presença da vogal /a/ em contexto de hiato ser tônica. Nesse processo fonológico, as vogais altas / i / e / u / debordam as médias pretônicas de mesma série, respectivamente, /e/ e /o/ em contexto de hiato diante de /a/ tônico.

- (37) v/o/ar [vu. 'ax]
- (38) pass/e/ ar [pa.si. 'ax]

O quadro vocálico português também é dependente de questões acentuais, pois ele diminui em número de unidades fonológicas em função da pauta acentual. Devendo-se aos

diferentes graus de atonicidade, a ocorrência do processo fonológico de neutralização dos traços distintivos dos fonemas vocálicos. Em contexto pretônico, ponto mínimo de neutralização, existem, segundo Câmara Júnior (1970), cinco unidades fonológicas, /i, E, a, O, u/; em contexto átono final, ponto máximo de neutralização, existem três unidades fonológicas /I, a, U/, já, em contexto postônico medial, há quatro /i, E,a,U/. A qualidade das vogais também é alterada em função da pauta acentual. Em geral, as átonas são realizadas com uma pronúncia mais reduzida e alteada, como em, port[õ], port[I] e port[ø].

O acento interfere, como se mostrou acima, em processos de síncope de vogais postônicas não-finais dos vocábulos proparoxítonos, como em *pêssego*, que pode ser realizado como [ˈpez.gũ]. Com a supressão da postônica medial /e/, o vocábulo *pêssego*, bem como outros que passam por igual processo, deixam de ser proparoxítonos. Assim, o tipo de acentuação pode repercutir na mudança de um padrão acentual marcado, proparoxítono, para um não marcado, paroxítono, o que também se verifica em:

(42) virgem virg[i]

(43) vôlei vól[i]

Em (42), houve desnazalização e monotongação do ditongo final, já, em (43), apenas monotongação. Em ambos os casos, passou-se de um padrão paroxítono marcado, já que a palavra terminava em sílaba pesada, para um padrão paroxítono não marcado, já que, com o destravamento da sílaba, decorrente da queda da nasal pós vocálica e da semivogal do ditongo / ej /, as sílabas finais tornaram-se leves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do acento, uma unidade suprasegmental, revela, em português, interferências do nível segmental, o que já se pode perceber pela própria distribuição do acento pelas posições da palavra, que é, salvo exceções, que passam a se explicar por extrametricidade, motivada pelo peso silábico, definido pelo número de segmentos que compõem as sílabas. A ocorrência ou não de processos como o sândi vocálico externo, apagamentos e mudança na qualidade de vogais, dentre outros aqui descritos, revelam a interação entre o nível segmental e o suprasegmental na gramática fonológica da língua portuguesa, o que vai ao encontro do que preconiza uma das premissas da fonologia (PIKE, 1974), segundo a qual os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que estão contidos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete M. & PAGOTTO, Emílio. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) *Gramática do português falado*, v. VI. Campinas: Editora da unicamp/FAPESP. p. 495-526, 1997.

ARAÚJO, Gabriel Antunes; GUIMARAES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, Leonardo; VIARO, M. E. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: Araujo, Gabriel Antunes de. (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, v. 1, p. 37-60.

Interação entre a fonologia segmental e a suprasegmental: o acento lexical na gramática fonológica do português

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CAMARA JR, Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

CLEMENTES, G. e. HUME, E. The internal organization of speech sounds, in John Goldsmith (org.), *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995

COLLISCHONN, Gisela. O acento em Português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2005

CUNHA, C. S.; SILVA, Joelma Castelo Bernardo da. Variação entoacional nos enunciados interrogativos. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRACADO, Jussara. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português Brasileiro*. 1º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015, v. 1, p. 79-107.

FERREIRA NETO, Waldemar. *Introdução à fonologia da Língua Portuguesa*. 2ª. Edição Revisada. São Paulo: Paulistana, 2011.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. Série princípios: Ática, 1990.

KELLY GOMES, Danielle. Síncope das vogais postônicas não-finais: uma análise contrastiva entre variedades do português. In: De Paula *et al.* *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa – homenagem a Sílvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Vol. 1- internal factors. Cambridge: Blackwell, 1995.

NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.